

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 11

Data: 23/11/93

Pg.: 13

Contrabando científico na Amazônia

■ Índios e caboclos transmitem conhecimentos para o exterior, sem nenhum retorno

ORLANDO FARIAS

Não são apenas plantas, fármacos, insetos e plasmas que estão sendo contrabandeados da Amazônia. O conhecimento de medicina popular de caboclos, índios (principalmente de pajés), por pessoas a serviço de empresas, está sendo coletado e levado para a aplicação científica no exterior, sem nenhum retorno econômico aos povos que levaram milhares de anos para desenvolvê-lo.

A advertência foi feita ontem pelo ex-presidente da Associação Brasileira de Química, Peter Rudolf Seidl, na abertura do Iº Simpósio Internacional de Química na Amazônia, que se realiza em Manaus.

Na verdade, diz Peter Seidl, estas pessoas, que não são cientistas, estão indo cada vez mais para dentro da selva, conversar com pajés ou curandeiros em busca de novas descobertas farmacológicas.

Biodiversidade - "Estes pajés estão fornecendo informações valiosas, mas não terão em troca sequer uma unidade do novo remédio desenvolvido a partir do seu segredo", revela o cientista. Membro do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), Seidl considera que a biodiversidade da Amazônia é o caminho natural para tornar o Brasil um país desenvolvido. Com base em dados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), com sede em Manaus, o cientista

diz que apenas de 3% a 10% das plantas da região estão definitivamente classificadas.

"Há muita coisa para se descobrir, e a biodiversidade cria condições de desenvolver novas plantas, parasitas e insetos", destaca.

Aplicação - A incipiente aplicação das pesquisas químicas da Amazônia, realizadas dentro e fora do país, provocou lamentos genéricos no Simpósio. O senador Márcio Lacerda (PMDB-MT), afirmou que as pesquisas jamais tiveram uma sequência que beneficiasse o Brasil. "Não basta saber que um grama de essências da Amazônia vale mais que um grama de ouro. É preciso conhecer como cultivar espécies pa-

ra entender sua genética", revelou.

O mesmo raciocínio é compartilhado pelo cientista Enéas Sallati, do Cetem, com mais de 20 anos de pesquisas na região. Ele defende o desenvolvimento urgente dos estoques pesqueiros dos rios amazônicos. Segundo disse, muitos peixes ornamentais levados da Amazônia já estão sendo reproduzidos em cativeiros em cidades do exterior, como em Miami, sem pagar royalties ao país. "Todo mundo sabe que o peixe diminuiu na Amazônia, mas com a aplicação da ciência, é possível ampliar sua população e fazer com que o Brasil explore uma de suas riquezas naturais mais importantes", destacou.